

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Maecyra Bernardes de Melo

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

2011

São Paulo

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Faculdade de Engenharia Agrícola – UNICAMP / Centro Paula Souza

Projeto original: Tese de Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na FEAGRI/UNICAMP sob a orientação da professora Maria Ângela Fagnani.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Maria Lucia Mendes de Carvalho conheceu a entrevistada na festa de comemoração de 90 anos da Etec Carlos de Campos, em 28 de setembro de 2001, e identificou a importância dessa professora para o curso Técnico em Nutrição e Dietética. Em 18 de dezembro 2011, foi entrevistar a professora Maecyra Bernardes de Melo sua residência, no bairro do Alto de Pinheiros, para sua pesquisa de doutorado e gravou uma entrevista de história oral temática com questionário estruturado.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: na sua residência - Liga das Senhoras Católicas, no Alto de Pinheiros, em São Paulo/SP.

Data: 18 de dezembro de 2011.

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 60 minutos

Número de vídeos: 2 (dois)

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 29

Sinopse da entrevista

Essa entrevista com a professora Maecyra Bernardes de Melo, aconteceu em 18 de dezembro de 2011, em sua residência, e foi sobre história oral de vida. Nessa entrevista tive informações sobre a sua trajetória pessoal e profissional como dietista e nutricionista. Descobri que estudou com a professora Neide Gaudenci de Sá, na Escola Industrial Carlos de Campos. A professora Maecyra estava se recuperando de uma operação.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 15 de janeiro a 10 de abril de 2012

Nome do transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

VIDEO UM (43 minutos)

MLMC: Boa tarde professora Maecyra.

MBM: Boa tarde (tosse).

MLMC: Professora eu quero agradecer muito a senhora estar participando da minha tese de doutorado da Faculdade de Engenharia Agrícola da UNICAMP. Porque essa entrevista com a senhora que é uma das pioneiras no campo da alimentação e nutrição, e porque a equipe que vocês montaram lá, junto com o Pompêo do Amaral, a senhora, a professora Neide, a professora Dalila, a professora Debble.

MBM: Dalva.

MLMC: A professora Dalva eu sei que tem uma importância muito grande, e essa história tem que ser contada. Eu embora eu não tenha estado junto com vocês, eu me sinto aquela amiga do entorno, me sinto na obrigação de

passar para frente esta história, que eu tive e eu estou tendo o prazer de conhecer.

MBM: E de acompanhar.

MLMC: E de acompanhar. E então, por causa do doutorado que é um trabalho acadêmico, nós temos que responder questionários de uma forma definida para todos os entrevistados. Eu vou fazer estas perguntas para a senhora. Mas depois nós podemos continuar conversando porque eu sei, que tem traços importantes da sua vida, que a senhora até conversou comigo hoje, e que eu gostaria também de deixar registrado. A primeira pergunta professora é a seguinte:

MLMC: Professora a senhora poderia dizer como e quando iniciou na educação profissional?

MBM: Eu morava no interior, em Barretos. E eu tive uma colega, a Silvia, que era amiga do pessoal que trabalhava na escola.

MLMC: Na Carlos de Campos?

MBM: Na Carlos de Campos. Eu falei que eu queria lecionar, né. Eu fui nomeada para Barretos, mas eu não sabia e perdi a vaga. Aí eu comecei a lutar para ser nomeada para São Paulo.

MLMC: Mas a senhora foi aluna da Carlos de Campos também?

MBM: Fui aluna, só que a mamãe morava aqui.

MLMC: Ah! Quando a senhora foi aluna, a senhora morava aqui?

MBM: Ela morava lá, depois morou aqui e depois voltou para lá, e depois acabou voltando para São Paulo.

MLMC: Então o seu pai e a sua mãe são de Barretos?

MBM: Não. São de Cajuru. Depois, papai tinha charqueada em Barretos, ele lidava com boi. Ele comprou charqueada e depois começou a mata, mata, mata, e exportar carne, era tempo da guerra também e ele exportava tudo para a Europa.

MLMC: E daí como a senhora fez para ficar, a senhora morava com quem aqui?

MBM: Com a minha irmã.

MLMC: Com a sua irmã aqui em São Paulo.

MLMC: A senhora se formou logo, porque logo depois a senhora continuou como professora da Carlos de Campos. Não demorou muito?

MBM: Não demorou, não.

MLMC: Professora, que ano foi isso? Que a senhora entrou?

MBM: Eu entrei no ano de 1955 como professora.

MLMC: Ficou lá até que ano?

MBM: Até 76, né. Não lá, lá eu fiquei 27 anos. Na Carlos de Campos eu fiquei 27 anos.

MLMC: Então ficou até 1982.

MBM: Então foi.

MLMC: Poxa 27 anos. E daí então quando a senhora saiu de lá, que a senhora foi para São Camilo?

MBM: Eu trabalhava lá e um pouco na São Camilo. Fui convidada para trabalhar na São Camilo.

MLMC: E na São Camilo a senhora dava o que?

MBM: Administração mesmo.

MLMC: E na Carlos de Campos?

MBM: Dava aula de Administração e de (silêncio) dava aula de Cultura, aula de Psicologia. Fiz Pedagogia.

MLMC: A senhora fez Pedagogia, aonde?

MBM: Fiz na Faculdade Oswaldo Cruz.

MLMC: A senhora fez a Pedagogia na Faculdade Oswaldo Cruz. Professora, a senhora também teve que fazer aquele curso técnico lá junto com a professora Neide, a professora Dalila, para poder fazer a faculdade?

MBM: Eu tinha só o ginásio de cinco anos.

MLMC: Daí então a senhora precisou fazer para fazer a faculdade. Isso incomodou muito a senhora?

MBM: Não. Tudo o que era para fazer, nunca tive preguiça.

MLMC: Professora, a senhora teve um papel muito importante no refeitório lá?

MBM: Quando eu saí e eu fui visitar a escola, e a Maria José, que era diretora e estava lá na mesa, ela falou para mim, bem alto para todo mundo ouvir: Maecyra você saiu da escola e a escola morreu. A escola com 600 alunos.

MLMC: Porque mudou tudo, mudou toda a forma?

MBM: Porque eu fiz sozinha, só no final é que eu tive auxiliar. Mas era tudo porcária, que não tinha capacidade. Puseram quatro para fazer o que eu fiz sozinha durante 27 anos.

MLMC: Quatro professoras para ocupar, poxa.

MBM: Para me substituir. Não só lá como também na Pedagogia, né.

MLMC: Mas vocês trabalhavam mais que o horário normal?

MBM: Trabalhávamos das oito às cinco da tarde.

MLMC: Todos os dias?

MBM: (não respondeu)

MLMC: Professora, a senhora chegou a conhecer o professor Pompêo do Amaral?

MBM: Imagina. Eu trabalhei com ele.

MLMC: A senhora chegou a ser aluna dele?

MBM: Fui aluna dele no curso.

MLMC: Vou até fazer essa pergunta aqui: a senhora se lembra se o Professor Pompêo do Amaral costumava dizer que foi ele quem criou o primeiro curso no campo da alimentação e nutrição no Brasil?

MBM: Ele falava.

MLMC: E ele falava onde? Nas aulas?

MBM: Conversando com a gente. Ele exigia muitas reuniões, e a gente conversava sempre envolta dele. Sempre envolta dele.

MLMC: E o que aconteciam nessas reuniões?

MBM: Conversa séria. Tudo o que fosse para fazer ou para aumentar ou para diminuir, tinha tudo lá à tona.

MLMC: Ele era um homem enérgico, ele cobrava muito?

MBM: Era.

MLMC: Professora, a senhora poderia nos dizer como ele agia como professor do curso de auxiliares em alimentação? Porque ele também era professor do curso de auxiliares em alimentação? Como eram as aulas dele?

MBM: Eram normais.

MLMC: Era expositiva, ele dava prova?

MBM: Muita reunião, reunião, mas ele focava. Ele dava o que tinha que dar.

MLMC: Ele definia temas de trabalho e ele fazia isso com antecedência?

MBM: Ele vinha preparado da casa dele já.

MLMC: Diz que as professoras assistiam às aulas dele, a senhora assistia?

MBM: A gente assistia às aulas dele diariamente.

MLMC: E as alunas junto?

MBM: As alunas junto.

MLMC: As alunas faziam perguntas?

MBM: Faziam.

MLMC: E enquanto coordenador do curso de Auxiliares em Alimentação? A senhora já disse que ele fazia as reuniões.

MBM: Aí era a Debble. Aí era mais a Dona Debble. Antes da Debble teve outra, não sei o nome.

MBM: A Zeni, Zeni.

MLMC: A Zeni foi esposa do professor Pompêo?

MBM: Antes era a Zeni.

MBM: Mas ela logo saiu e nós ficamos.

MLMC: Ela saiu na década de 50 ou quando a senhora ela aluna ainda?

MBM: Quando eu cheguei, ela ainda deu poucas aulas, depois ela saiu.

MLMC: Quando a senhora chegou como professora?

MBM: Foi em 55 que eu fui nomeada.

MLMC: Então até 55 ela estava na escola?

MBM: Não sei quanto tempo, não sei nada.

MLMC: Ela era professora de química ou professora da nutrição?

MBM: Eu não sei se ela ajudava o Pompêo, foi muito pouco pelo prazo.

MLMC: Professora a senhora se lembra quando foram criados os refeitórios nas escolas profissionais? E como eles eram administrados e por quem? Estou falando por quem, mas eu sei que a senhora foi uma das que administrou.

MBM: Eu que comecei.

MLMC: A senhora que começou? E que ano que foi isso? 55 também?

MBM: Quando eu comecei, já comecei a trabalhar no refeitório. Já tinha, tanto que já tinha que eu comecei a trabalhar no refeitório.

MLMC: E como funcionava o refeitório?

MBM: Refeitório vendia refeições, tinham meninas que comiam de graça, as subnutridas.

MLMC: Na década de 50 também continuavam as desnutridas. Era ela que passava os questionários então para as alunas?

MBM: Tinha.

MLMC: Tinha até o livro dele com os inquéritos que faziam. A senhora lembra quando isso aconteceu?

MBM: A Neide trabalhou muito nisso.

MLMC: Era ela que passava os questionários para os alunos?

MBM: Era.

MLMC: Mesmo no período que a professora Debble coordenando, também continuou com estes questionários? E as meninas desnutridas continuaram também?

MBM: Continuaram.

MLMC: Até que ano?

MBM: Muitos anos.

MLMC: Mesmo na década de 70?

MLMC: Porque o curso ia mudando.

MBM: Acho que até setenta e pouco sim.

MLMC: Professora, como era o processo de capacitação de docentes para ministrarem o curso de Auxiliares em Alimentação durante a coordenação do Professor Pompêo do Amaral? Quando entrava professor novo?

MBM: É daí melhor. Eu sei que nos pulávamos viu. Para conseguir material, a Yonne. A Yonne nós junto muito. Porque a Yonne trabalhava na GV.

MBM: A gente pegou muita coisa com a Yonne, conseguia muita coisa para trabalhar na disciplina.

MLMC: O Pompêo era professor de dietética, essa parte de administração ele não mexia nada com isso, ficava sob o seu encargo.

MBM: É.

MLMC: A professora Debble também mexia com pesquisa, que era outra área?

MBM: Ela fazia pesquisa.

MLMC: O seu trabalho se assemelhava ao da professora Yonne?

MBM: É.

MLMC: E a Yonne o que ela era?

MBM: Ela era importante na GV. Ela dirigiu o refeitório da GV.

MLMC: Mas e a Dalila?

MBM: Tinha até quatro depois. A Dalila trabalhava com a Yonne.

MLMC: A senhora trabalhava sozinha na Carlos de Campos, e lá tinha mais gente trabalhando juntas?

MBM: Lá tinha muitos meninos.

MLMC: Diz que tinha lá alojamento e que vinha gente de fora, de outros países.

MBM: Fazer estágios.

MLMC: Eles moravam lá perto da escola. A senhora e a Yonne conversavam bastante, vocês chegavam a se reunir para conversar sobre as duas escolas?

MBM: Não reunia muito, de vez em quando. A gente conversava como vai como vai, cada uma cuidando do seu papel.

MLMC: Mas não tinha reuniões no Departamento para discutir os refeitórios?

MBM: De vez em quando, não era sempre, não.

MLMC: E lá quem coordenava as reuniões de departamento?

MBM: Tinha um homem e tinha uma ou duas senhoras.

MLMC: O Arnaldo Laurindo a senhora chegou conhecer?

MBM: Conheci.

MLMC: E como ele era?

MBM: Era simpático, sempre na dele.

MLMC: E o Horácio da Silveira a senhora chegou a conhecer. Quem era mais fácil de tratar assim o Horacio ou Arnaldo Laurindo?

MBM: Os dois eram mais ou menos iguais.

MLMC: A senhora sabe como surgiu esse curso na Carlos de Campos de Auxiliares em Alimentação? Quando a senhora entrou já estava?

MBM: Estava instalado.

MLMC: Porque a senhora escolheu fazer esse curso?

MBM: Eu procurei uma escola, eu não escolhi a escolha, eu procurei uma escola para ser nomeada para trabalhar.

MLMC: Eu pergunto antes, como aluna? Eu digo como a senhora decidiu fazer o curso como aluna?

MBM: Eu morava no interior e lá tinha uma vizinha a Silvinha que tinha uma amiga que trabalhava lá, nesse campo. Eu falei Silvia eu não quero ir para a faculdade, fazer uma escola, de ciência e coisa, quero uma coisa mais humana como que eu faço na minha casa. Ela disse eu tenho um curso que serve para você.

MLMC: A senhora tinha quantos anos nessa época?

MBM: Isso foi em 1955.

MLMC: Mas em 1955, a senhora já era professora.

MLMC: A senhora nasceu em que ano?

MBM: Em 1920, no dia 13 de janeiro.

MLMC: Ah é mesmo, aniversário da minha irmã. Eu até falei com a senhora.

MBM: Mas meu pai não gostava e registrou em 14 de janeiro. Ele não gostava de 13.

MLMC: Então ficou dia 14 de janeiro de 1920.

MLMC: A senhora morava em São Paulo? E se inscreveu?

MBM: Em Barretos quando comecei a trabalhar.

MLMC: Quando começou a trabalhar, mas quando a senhora era estudante morava em São Paulo?

MBM: Aí eu vim ficar na casa da minha irmã e fiquei estudando dois anos.

MLMC: Então essa vizinha que falou do curso e por isso a senhora veio fazer o curso?

MBM: Em São Paulo.

MLMC: E desde o começo a senhora gostou do curso e já veio pensando no auxiliares em alimentação ou no de economia doméstica?

MBM: Eu vim trabalhar. Fosse o que fosse. Eu precisava encher a minha vida.

MLMC: A Carlos de Campos era uma escola de nome?

MBM: Era uma escola técnica bem conhecida, bem relacionada, diretora muito boa.

MLMC: A professora Laia.

MBM: Professora Laia.

MLMC: Ela ficou mais de 20 anos. Ela tinha o respeito de todos.

MLMC: A senhora lembra quando o curso deixou de ser oferecido na Carlos de Campos?

MBM: Ele foi para a Rego Freitas.

MLMC: Ele foi para a Rego Freitas e a senhora lembra porque ele voltou? O que aconteceu?

MBM: Dr. Pompeo brigou.

MLMC: Brigou com quem?

MBM: Quando houve a separação o Dr. Pompêo quis sair, e foi para a Rego Freitas, levou a Debbble, eu, a Dalva, a Cecília, a Keith. E depois aí a gente voltou.

MLMC: Mas e porque ele saiu de lá?

MBM: Ele foi mandado, ele era comunista. Dr. Pompêo era meio comunista.

MLMC: O filho dele falou que ele nunca pertenceu ao partido comunista?

MLMC: Ele nunca pertenceu (falou firme e alto), mas a ideia dele. Pompêo tava ali, oh. Ele dava aula, conversava com a gente com espírito completamente independente. E não era naquela época.

MLMC: No departamento o pessoal sentiu que não dava para continuar na escola?

MBM: (não respondeu)

MLMC: A senhora acha que ele tinha a intenção de transformar o curso em um curso de nível superior?

MBM: Curso superior, eu acho que não.

MLMC: Era um curso de formação de professoras né, tanto que depois, quem tinha o diploma de Dietista, recebeu o direito de ser Nutricionista.

MLMC: A senhora chegou a ter a carteira do CRN?

MBM: Eu tenho a carteira de nutricionista.

MLMC: Ah a senhora tem a carteira de nutricionistas. Que ano que foi que a senhora conseguiu isso?

MBM: Já foi bem adiantado.

MLMC: E a senhora tem esses documentos, ainda?

MBM: Tenho. Qualquer dia eu procuro e guardo para você.

MLMC: Para eu fotografar.

MLMC: Professora tem até uma questão que é a seguinte: A senhora teve contato com o Professor Pompêo do Amaral a partir de 58, quando este deixou a coordenação do curso?

MBM: Nós fomos com ele para a Rego Freitas.

MLMC: Mas ficou até 58?

MBM: Foi.

MLMC: A senhora lembra como foi isso de voltar para a Carlos de Campos?

MBM: De surpresa. Voltar para a Carlos de Campos.

MLMC: Ele que falou?

MBM: Não. Ele não. E ele voltou?

MLMC: Ele não voltou, voltou a Debble.

MBM: Aí ficou ti ti ti...

MLMC: E daí vocês voltaram todos para a Carlos de Campos. Mas o Departamento não justificou isso, ninguém veio falar nada?

MBM: (silêncio)

MLMC: Bom, a Professora Debble sempre foi muito amiga do Pompêo, certamente ela sabia o que estava acontecendo. Ela nunca contou nada?

MBM: Ele era muito fechado.

MLMC: A professora Debble também era. Não era? Por que às vezes tem mudanças que a gente não consegue perceber na hora que a gente está vivendo. Eu vejo porque acontece isso comigo também.

MLMC: Professora a senhora lembra se nesse período que vai para a Rego Freitas, volta da Rego Freitas, houve modificação no currículo do curso? Ele se manteve o mesmo ou desde que a senhora era aluna, ele se manteve o mesmo?

MBM: O Pompêo ele criava as coisas.

MLMC: Mudava sempre?

MBM: Quando ele queria ele fazia.

MLMC: E então, daí depois, quando o curso voltou para a Carlos de Campos a Debble é que assumiu isso. E no período da Debble houve alguma mudança?

MBM: Mudança. Mudança. Acho que não. Eu não me lembro mais.

MLMC: A senhora não sentiu mudança no seu trabalho?

MBM: Refeitório a mesma coisa.

MLMC: E quando estava na Rego Freitas o numero de alunos era menor lá? Como era o refeitório lá?

MBM: Era uma casa, então tinha estágio das aulas. Tinha refeitório pequeno, mas tinha. Era o campo de prática, né.

MLMC: Mas eram bem menos alunas do que na Carlos de Campos?

MBM: Casa pequena, bem pequena, devia ter o que, umas três salas de aula, e olhe lá.

MLMC: E as alunas não acharam ruim de sair da Carlos de Campos e ir para lá?

MBM: Elas não falavam nada. Na idade que elas estão só querem brincar.

MLMC: Muito jovem né?

MLMC: A senhora lembra dos nomes dos livros que o Professor Pompêo do Amaral escreveu? Por que ele escreveu muitos livros.

MBM: Mas, isso era fácil de você conseguir, né.

MLMC: Não, sim. Mas a senhora lembra dele comentar?

MBM: Não era tão comentado.

MLMC: Ele não mostrava?

MBM: Ele era fechadão.

MLMC: Ele não contava o que estava escrevendo. Nem durante as aulas dele ele não contava?

MBM: As aulas dele era mais prosa, prosa, prosa.

MLMC: Como se fosse uma palestra?

MBM: Palestra, mas era gostoso, tinha uma amplidão das coisas.

MLMC: Por que ele não falava em termos de Brasil ou de São Paulo, ele relacionava com São Paulo com o Brasil? Ele fazia isto?

MBM: São Paulo, São Paulo.

MLMC: Mas ele não comparava com o mundo, por que nos livros dele ele faz isto?

MBM: Falava um pouco, mas mais era Brasil mesmo.

MLMC: Ele era bastante nacionalista.

MLMC: Ele chegava a falar da família dele? Do pai?

MBM: Ele falava que o pai dele era muito bravo.

MLMC: O pai dele foi uma pessoa importante também. O pai dele fez medicina em Genebra, e o pai dele foi contratado como o primeiro químico do Instituto Agrônomo de Campinas.

MBM: É.

MLMC: Tanto que o Francisco Pompêo do Amaral é nome de rua em Campinas, e o pai dele também, pelo trabalho que os dois prestaram. Interessante.

MLMC: E dos prêmios que o Pompêo ganhou, ele comentava?

MBM: Ele não conversava, não contava papo, não vinha mostrar e não contava nada.

MLMC: Teve uma época que ele, a Debble, a Neide, ganharam aquele prêmio nacional. Mas ele comentou na escola?

MBM: Comentou.

MLMC: Eles devem ter ficado muito felizes com o Prêmio de Alimentação Nacional?

MBM: Foi nessa época que eu entrei.

MLMC: Foi exatamente quando a senhora entrou. E como a senhora sentiu de estar entrando numa escola premiada?

MBM: Eu gostei, eu queria trabalhar, queria trabalhar.

MLMC: A senhora e a professora Neide são muito amigas. Vocês já tinham amizade?

MBM: Nós estudávamos juntas, éramos amigas durante o curso.

MLMC: Quando lembro da professora Neide, lembro da senhora. Vocês sempre estavam juntas. Sempre, na Assembleia, nos nossos eventos. Isso me deixa muito feliz, eu vejo vocês sempre como muito amigas.

MLMC: Professora a senhora se lembra de alguma reportagem de jornal do Pompêo do Amaral na escola?

MBM: Ele era muito fechado.

MLMC: Mas parece que ele fez escreveu sobre a soja?

MBM: Ah! Parece que ele fez um trabalho da soja.

MLMC: Parece que o pessoal não concordava muito com o que ele colocava. Eu fico até pensando será que a saída dele não teve a ver com isso?

MBM: O Departamento não gostava porque ele era muito independente.

MLMC: Mas o trabalho que ele fazia era de qualidade?

MBM: Mas eles querem de valor? Eles querem é eles aparecerem.

MLMC: E o Pompêo aparecia pela qualidade do trabalho dele e a equipe dele. Nos livros dele, ele sempre cita o trabalho de vocês, das professoras.

MBM: Eu nem tanto, porque eu entrei mais tarde. Era a Debble, a Dalva, e a mulher do Pompêo.

MLMC: A senhora sabe, a senhora tem razão, como a senhora entrou em 55, foi pouco tempo, ele deixou de trabalhar em 58. Nas obras dele, ele cita o tempo todo, essa equipe que era a Dalva, a Eunice, a professora Neide, a Debble, ele cita esse trabalho de inquérito que ela fez, tanto que eu faço análise das obras dele e eu valorizo isso dele estar falando dessas praticas na escola.

MLMC: Nesse período com essa equipe toda. O que a senhora lembra que traz satisfação para a senhora?

MBM: A gente não tinha tempo nem de piscar o olho, eu ficava sozinha no refeitório.

MLMC: Eu imagino.

MBM: Eu fiquei sozinha a vida inteira praticamente.

MLMC: A professora Neide quando fala que a senhora tinha uma agilidade para substituir adequadamente as coisas, que nenhuma outra tinha, para

fazer as adaptações. Por que a gente sabe que trabalhar na cozinha não é fácil?

MBM: Tudo era arranjo, tudo era arranjo, e aí tinha aquela falta de cebola, falta não sei do que, era um sacrifício.

MLMC: A comida era toda natural?

MBM: (silêncio)

MLMC: A Nestlé queria entrar na escola?

MBM: Ela sempre nos respeitou e nos sempre a respeitamos.

MLMC: Nunca tentaram ficar impondo produto?

MBM: Nada, nada.

MLMC: Eles iam dar palestras?

MBM: Só se a gente chamasse. Mas não chamava muito porque tinha o Pompêo.

MLMC: Quando eu conversei com a professora Cecília Bella, ela gostava de fazer isso.

MBM: Cecília Bella era da cozinha. Ela dava aula na cozinha.

MLMC: Na cozinha, isso? Mas parece que ela tinha essa relação.

MBM: A Cecília é muito fechada, a Cecília não foi fácil não.

MLMC: Eu percebi isso, porque eu fui visitar a professora Debble, e fui junto com a professora Cecília, e daí eu senti que as duas tinham diferença de trabalho, e que a professora Debble não concordava muito com o trabalho da Cecília.

MBM: A Cecília falava: "Deixa estar para ver como é que fica".

MLMC: Vocês não, vocês eram bem planejado.

MBM: Nós queríamos ver resultado, nós queríamos ver ação. Nós fazíamos a ação.

MLMC: E tudo pelo curso, deu para sentir essa diferença. Existem aqueles professores que são realmente profissionais e que acreditam.

MBM: A Cecília quando nós trabalhávamos lá na escola, tinha dois grupos né. Aí a Cecília chegou e falou, não sei o que, não sei o que. Eu sei que tinha tanto fuxico. Ah, aqui em particular eu vou te contar. A Cecília namorava um

homem casado e esse homem casado, quando era fim de semana, na sexta, sábado e domingo, viajava com a Cecília, e a Cecília falava para as alunas. E as meninas vieram me contar. Eu cheguei para a dona Debble e falei dona Debble as meninas têm 16 anos, 17 anos, e a Cecília esta contando que vai para o Rio de Janeiro, vai para Vitória, vai para as estações de água, para Lindoia, para Águas da Prata, e as meninas estão com 17 anos. A Cecília tomou um ódio de mim.

MLMC: É mais tinha que falar mesmo, eu fazia o mesmo.

MBM: O que podia fazer era aluna de 16 ou 17 anos. A Cecília não gosta de mim. Eu nunca mais telefonei para ela.

MLMC: E a professora Keith ela também era como vocês?

MBM: A Keith é complexada demais por causa da gordura.

MLMC: Dela é um problema de metabolismo.

MBM: Era mais psicológico, da pessoa dela. Mas não era ruim para a gente lidar, ela respeitava a gente como a gente também respeitava.

MLMC: E o Grecchi que também trabalhava com vocês?

MBM: Aquele era bom vivam, ia lá dava aula direitinho, ia lá dava aula e tchau e benção.

MLMC: No fundo era a equipe lá, era Dalva, Debble, Neide, Maecyra, vocês eram o tripé?

MBM: Era. Quem mandava era a Debble, Dalva, Neide e eu. Depois a Keith e a Cecília.

MLMC: Por que a professora Dalila foi trabalhar com vocês. Mas já na década de 70?

MBM: Ela trabalhava na GV, depois ela quis passar para a nossa escola, porque na GV ela não tinha aula particular, dava aulas excedentes, e ela queria. Por isso que ela quis passar pela nossa escola.

MLMC: Ela chegou a dar aula na Getúlio, porque a Getulio em 78, passou a ter nutrição, quando ela passou para a escola, ela chegou a ficar dando aula na Getúlio?

MLMC: Então ela ficou professora das duas escolas.

MBM: Deu por pouco tempo.

MLMC: Depois ela ficou na Carlos de Campos.

MLMC: Ela fala que entrou no lugar da professora Debble?

MBM: É.

MLMC: Foi na década de 70 que a professora Debble aposentou. Daí a Dalila entrou no lugar dela para dar aula de Bromatologia.

MLMC: Eu dei aula de Bromatologia também. Isso que eu fico feliz lá na Carlos de Campos. Dei aula de Tecnologia dos Alimentos e Bromatologia.

MLMC: Eu fico muito feliz de acompanhar esse trabalho de vocês e ver o amor que vocês tinham pela escola.

MBM: Dedicado. Eu trabalhei 27 anos e tive 27 faltas. Não tem ninguém feito eu.

MLMC: É muita dedicação mesmo, né, professora.

MBM: Eu acordava e dizia não vou trabalhar, porque estou cansada, não vou trabalhar, eu vou ficar me arrumando correndo, saindo correndo.

MLMC: Eu também sou assim, tem dia que eu estou cansada, só que quando chega lá, a gente esquece de tudo. Eu sinto isso também. A minha intenção de estar recuperando todo esse material, é por que muito do que fazemos hoje vocês já faziam. É importante que as pessoas vejam isso, que aquilo que é bom a gente tem que continuar.

MBM: Sempre incentivando, todo mundo trabalhando com amor. Gente a importância do trabalho é o amor

MLMC: A gente transmite isso. Se a gente faz com amor a gente passa isso para o outro né professora

MLMC: Hajam visto estas placas todas em sua homenagem, não só da Carlos de Campos como das formandas da São Camilo.

MBM: Eu lecionei pouquíssimo lá.

MLMC: Não foi tão pouco, porque eu vejo uma turma de 79, depois tem outra turma de 80 homenageando a senhora pelo trabalho.

MLMC: Além da Mãecyra, aquela é de 79.

MBM: Elas me chamavam de Mãecyra.

MLMC: Tem alguma aluna que a senhora se lembra e passou a ser nossa professora?

MBM: Tem uma menina que ela casou com um jogador de futebol e foi trabalhar na Arábia Saudita. Ela pôs a mãozinha do filhinho dela de um ano, e ela escreve uma carta, em cima do modelo da mão do filho: Dona Maecyra, a Arábia Saudita a trinta anos atrás, tinha que andar de rosto coberto, Dona Maecyra eu suporto a Arábia Saudita porque eu fui sua aluna.
Maecyra: A responsabilidade que a gente incutia.

MLMC: É verdade. Porque trabalhar nessa área de alimentos a pessoa precisa ter muita responsabilidade

MBM: Precisa ser humana. Alimento é vida gente.

MLMC: Precisa ter todo um cuidado no preparo e na seleção.

MBM: A Cecília Bella, como teve esse caso na Rego Freitas e nós fomos transferidas para a Carlos de Campos outra vez. Ela chegou na cozinha e deve ter feito a minha caveira. Você vai dirigir o refeitório, o Dr. Pompeo. Aí eu via que a Cecília entrava lá e ficava ti,ti,ti, e saía. Você acredita que quem caiu do cavalo foi ela. Eu não perguntei para nenhuma e ela falava que eu era uma cobra. Cobra porque, ela namorando um homem casado e contando para meninas, que estava viajando feriados, sábados e domingos, de 16 anos, 17 anos.

MLMC: Não tinha nem maturidade para ouvir uma coisa dessa.

MBM: Não tinha noção da responsabilidade. Eu não abria a boca e quem caiu do cavalo. E ela dizia vocês vão ver a cobra que vocês vão ter. Eu não abria a boca, e quem caiu do cavalo. A cobra passou a ser ela. Eu não.

MLMC: A senhora sempre gostou de fazer as coisas corretamente.

MBM: Sempre a mesma coisa e exigindo, falando e soltando dinheiro para elas comprarem as coisas.

MLMC: Os professores também pagavam para almoçar no refeitório, como funcionava?

MBM: Comiam também.

MLMC: E o governo ele dava algum?

MBM: A gente cobrava pouquinho, o governo dava um pouco.

MLMC: Era uma época boa ter refeição na escola.

MBM: Tudo em ordem, bem caprichado.

MLMC: Foi uma pena não ter dado continuidade para isso. A senhora sentiu esse corte no governo militar com relação aos refeitórios. Vocês vinham

oferecendo comida e de repente teve que parar com isso. Foi na época da mudança do governo militar?

MBM: Isso eu não lembro mais.

MLMC: Quando a senhora se aposentou não tinha mais o refeitório na década de 80?

MBM: Tinha, mas a gente custeava. O governo dava um pouco e a gente cobrava. Tinha todo mês o fechamento todo mês.

MLMC: Até quando a senhora se aposentou tinha o refeitório?

MBM: Tinha, tinha aposentadoria, tinha tudo.

MLMC: Para as funcionárias?

MLMC: Mas as alunas ajudavam na cozinha também?

MBM: As alunas ajudavam, mas não era trabalhar. Era para saber o que era uma cozinha.

MLMC: E como hoje tem a disciplina de Técnica e Dietética, elas têm que ir lá e tem que fazer. A professora faz avaliação.

MBM: Como é que elas vão dirigir se elas nunca viram fazer.

MLMC: É que hoje elas fazem e elas mesmas comem. O que era diferente, de quando vocês faziam, e a comunidade da escola é que também participava.

MBM: Participava.

MLMC: Bom, professora, eu quero agradecer muito a senhora ter dado esta entrevista, eu vou (tosse forte – desligo a câmera)

VIDEO DOIS (13 de minutos)

MBM: Eu fui para os Estados Unidos três vezes. Eu fui a Europa, não conheci mais vi: Londres, França, Espanha, Portugal.

MLMC: Para a Alemanha a senhora chegou a ir?

MBM: Fui à Alemanha, Portugal, Espanha, França, Inglaterra. (canto de passarinhos ao fundo)

MLMC: E a senhora foi com quem, professora?

MBM: Fui de excursão. Fui com a minha irmã, na Europa, eu fui de excursão.

MLMC: Quantos anos a senhora tinha?

MBM: Já tinha bastante idade.

MLMC: Deu para aproveitar?

MBM: Deu. Deu para ver, sentir, Paris teatro bom. Fui a Paris, teatro maravilhoso.

MLMC: Paris eu acho a cidade mais linda do mundo, eu achei muito humana, porque ela é a cidade dos parisienses, a gente encontra com eles nos restaurantes.

MBM: Eles recebem bem, eles são gentis, sorriem.

MLMC: A cidade é muito gostosa.

MBM: Nos EUA eu fui três vezes, e uma vez eu fiquei dois meses.

MLMC: A senhora tem parentes lá nos USA?

MBM: Eu fui com uma sobrinha, fiquei três meses, ela foi estudar manager, o maior Centro de Psicanálise da América, Topeka, capital do estado de Kansas.

MLMC: A senhora gostou de ficar lá?

MBM: Fiquei dois meses.

MLMC: A senhora não teve problema com a língua?

MBM: Eu fiquei dois meses, porque eu fui uma semana em Nova York. Porque eu ir à Nova York e não ver a Feira Mundial, eu não me chamo Maecyra. E fui.

MLMC: Que ano foi isso?

MLMC: Essa feira mundial deve ser muito interessante.

MBM: Acho que foi quarenta e tanto.

MBM: Não sei se foi em 46.

MLMC: Então foi antes da senhora começar a trabalhar?

MBM: Eu comecei a trabalhar em 55. Acho que quando eu fui já trabalhava.

MLMC: A senhora foi em umas férias?

MBM: Eu peguei férias. Acho que eu não trabalhava ainda.

MBM: Na verdade eu nem sei, acho que eu não trabalhava ainda.

MLMC: E essa feira foi muito bonita?

MBM: Nossa senhora. Eu estava assim com uma sandália do Laganá, um sapateiro muito bom, era um italiano, Laganá. Chegou uma mulher lá, lá, lá. E eu falei São Paulo, Brasil, onde eu comprei. Ah! lá, lá, lá.

MBM: Fui ver a Pietá.

MLMC: Isso na Itália?

MBM: Na Itália, que eu fui a Itália também. O que eu tinha que ver, eu já vi. Nesse Brasil, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul.

MLMC: E do Brasil qual a cidade que a senhora gosta mais?

MBM: Eu gosto de São Paulo. Acho bonito o Rio de Janeiro. Acho uma das coisas mais bela que eu já vi na minha vida.

MLMC: A senhora sabe que eu moro perto do Pão de Açúcar no Flamengo, eu moro a duas quadras e meia da praia do Flamengo e faço caminhada no aterro, de um lado tem a enseada de Botafogo e atravessando a rua eu já vejo o Pão de Açúcar, e caminhando vai em direção ao hotel Glória. Eu gosto muito de lá também, eu penso que quando eu parar com o meu trabalho aqui, penso em morar lá.

MBM: Faz bem.

MLMC: Como eu tenho filha em São Paulo, eu sempre vou ter casa aqui e casa lá. Eu espero ter rendimentos para continuar tendo duas casas, aqui e lá. Aqui é porque eu moro, eu e a minha filha, ali na Fernão Cardim, só que eu moro na segunda quadra aquela que dá para Alameda Campinas.

MBM: Alameda Campinas.

MLMC: Isso. Agora o meu apartamento lá é menorzinho. Mas para mim está ótimo, lá sabe. Ele é pequenininho, tem jardim de inverno, quarto de empregada, mas é cheio de cômodos, dá bem para ter bastante livros.

MBM: Você gosta?

MLMC: É então, agora entre Natal e Ano Novo eu vou para lá. Mas eu já vou com computador para ficar escrevendo.

MLMC: Essa nossa entrevista aqui, eu vou também transcrever.

MBM: Você vai escrever?

MLMC: Então eu vou escrever sobre como foi esse curso que vocês fizeram.

MBM: De Nutrição e Dietética.

MLMC: Esse de Auxiliar em Alimentação, nesse período de 39 a 67. Eu vou fazer esse recorte na tese. Porque também o Pompêo do Amaral saiu, depois. Então, eu estou estudando por que ele saiu e o que aconteceu?

MBM: Acho que ele aposentou.

MLMC: Ele aposentou em janeiro de 61, então logo depois que o curso foi para lá ele ficou mais alguns anos que o período dele aposentar. Agora, houve mudanças também, os médicos, por exemplo, eles deixaram de ter a importância que eles tinham na estrutura. Os médicos saíram do Departamento, como eles estavam antes. O regime militar mudou a estrutura, então não tem mais porque terem os médicos. Isso pode ter sido um dos motivos. Mas de qualquer forma ele ficou afastado do curso. E o curso era a alma dele, deve ter sido muito difícil para ele. Agora ele escreveu muito depois desse período. Esse período que ele ficou lá de 58 a 61, ele publicou os livros. Por que ele ganhou além daquele prêmio de 1954, que ele ganhou junto com as dietistas, ele ganhou dois prêmios da academia de medicina. Depois que ele aposentou professora, ele foi ser correspondente nacional da Academia Nacional de Medicina. Eu descobri isso em 2009, quando eu fui apresentar um trabalho lá no Rio de Janeiro e daí tinha uma pasta sobre o Pompêo do Amaral lá no acervo. É por isso que eu descobri, porque eu fui lá para ver se eles tinham os livros dele. E eles têm os livros porque ele foi duas vezes premiado pela academia. É muito gostoso estudar o trabalho dele.

MBM: Eu nunca ouvi um comentário, nada.

MLMC: Certamente ele não era ...

MLMC: A sensação que eu tenho, é que ele não era uma pessoa

MBM: Aberta.

MLMC: Ele não ficava se expondo.

MLMC: Por isso é mais um motivo que tem que ser reconhecido o trabalho dele. Eu escrevo ai no livro. No final eu estudei o Horácio da Silveira, para poder entender como é que o Pompêo conseguiu entrar e criar o curso tão rapidamente. Mas é que o Horácio também já tinha uma estrutura de apoio à alimentação e a criação do Dispensário de Puericultura. Acho que eles tinham muitas afinidades de trabalho. Acho que batia muito assim, o que o

Horácio queria, e o Pompêo também. Certamente ele teve mais liberdade de ação no período do Horácio da Silveira.

MLMC: Tinha aquele Curso de Divulgação de Alimentos, a senhora chegou a participar daquele curso?

MBM: Muito pouco. A Dalva, a Dalva.

MLMC: A Dalva, todas as professoras falam dela, e tem a apostila. Eu encontrei essa apostila nos documentos da professora Debble, porque eu estou com o acervo da professora Debble. Mas eu fico pensando assim, a professora Dalva, ela poderia ter colocado o nome dela na apostila, mas ela não tinha essa preocupação.

MBM: Era muito simples.

MLMC: Mas o trabalho de vocês era muito relevante.

MLMC: O que ela era? Era Química? Dietista também?

MBM: Mas não tinha cursos.

MLMC: Eu encontrei o nome de vocês, porque a gente fez um levantamento esse ano das formandas. Daí eu encontrei o ano que a senhora se formou, tudo direitinho e o ano que a senhora começou a trabalhar. O da Dalva eu não encontrei. Eu não me lembro de ter encontrado o nome da Dalva como aluna. Encontrei como professora.

MBM: E a Dalila estudou lá.

MLMC: E a Celina, a senhora lembra da Celina?

MBM: Lembro.

MLMC: Como era a Celina?

MBM: A dona Celina foi importante. Ela veio trabalhar num curso muito bom. Então ela já veio por cima e por cima ficou. Eu trabalhei muito com ela.

MBM: O trabalho dela, ela me chamou e eu trabalhei muito tempo com a Celina mesmo.

MLMC: Com certeza, porque ela escreveu aqueles livros de administração hospitalar, e a senhora tinha experiência em administração. Por que ela escreveu dois livros, ela escreveu em 48, e depois em 50 e pouco, ela escreveu outro.

MLMC: Ela se dava bem com a professora Debble também, né?

MBM: Dalva. A Debble ela era muito educada, muito fina a dona Debble.

MLMC: A Celina foi estudar no Rio de Janeiro um período, a senhora lembra, disso?

MBM: Lembro.

MLMC: Ela ficou afastada quando ela foi estudar?

MBM: Ela pediu licença.

MLMC: Pediu licença e foi. Quando a professora Debble foi para os EUA, eu encontrei um documento da Celina convidado a professora Debble para participar do processo para ela ir para os EUA. Por isso eu percebo que tinha uma relação de amizade entre elas, grande. Professora para a senhora.

MBM: Você não quer nada, quer que eu te ofereça alguma coisa (interrompemos a gravação quando entra no quarto a enfermeira)

Descritores

Auxiliares em Alimentação

Educação Doméstica

Dalila Ramos

Celina de Moraes Passos

Dalva Oliani

Debble Smaira Pasotti

Dietistas

Escola Industrial Carlos de Campos

Escola Técnica Getúlio Vargas

FEAGRI/UNICAMP

Formação de Mestres em Economia Doméstica e Auxiliares em Alimentação

Francisco Pompêo do Amaral

Horácio Augusto da Silveira

Arnaldo Laurindo

Maria Lucia Mendes de Carvalho

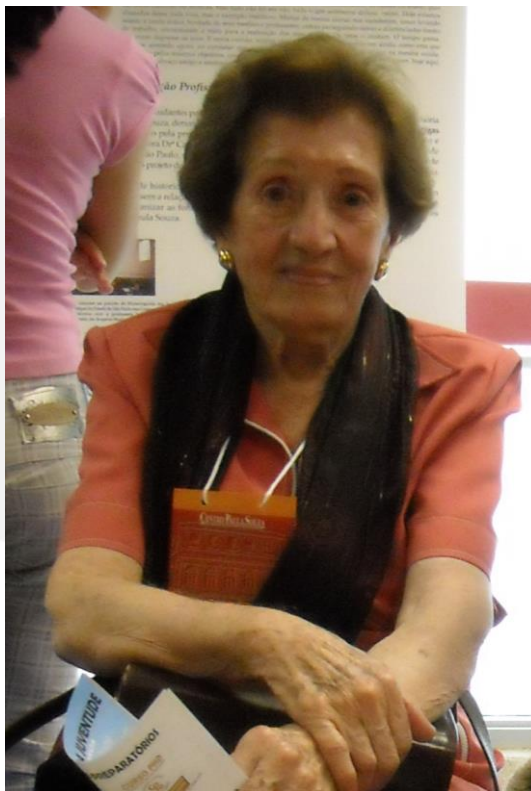
Normalista

Pedagoga

Refeitório

Rua Rego Freitas
Técnico em Nutrição

Dados Biográficos da Entrevistada



Maecyra Bernardes de Melo durante visita a exposição 70 anos do Técnico em Nutrição e Dietética, em 15 de maio de 2009.

Maecyra Bernardes de Mello nasceu em 13 de janeiro de 1920. Fez o ginásio de cinco anos em São Paulo. Fez curso normal. Foi aluna do curso de Formação de Mestres em Educação Doméstica e Auxiliares em Alimentação na Escola Técnica Carlos de Campos. Ingressou, em 1954, como professora do curso de Formação de Dietistas, no Departamento de Ensino Profissional do Estado de São Paulo, sendo responsável pelo refeitório do curso na Rua Rego Freitas, n. 474, no centro da capital, no período de 1954 a 1958, e posteriormente, na Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, até a sua aposentadoria em 1982. Formou-se Pedagoga pela Faculdade Oswaldo Cruz e, após aposentadoria, foi professora no Centro Universitário São Camilo.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015) e Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), e os e-books História Oral na Educação: memórias e

identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexo (esse documento é sigiloso e não ficará aberto online ao público):

Carta de Cessão dos Direitos Autorais e de uso de Imagem